

COLEÇÃO
DE VOCÁBULOS E FRASES USADOS
NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO
DO RIO GRANDE DO SUL

ANOTAÇÕES DE WALTER SPALDING

D

Dar de rédeas, governar o cavalo dando-lhe direção oposta a em que ia.

Descambada, s. f. lugar da coxilha ou lombo que faz descida para a canhada. (79)

Desenfeilhar, v. a. tirar os arreios ao animal.

Desobrigado, adj. (oposto a obrigado) diz-se que caminha desobrigado o cavalo que sempre caminha de bom grado, sem que seja necessário o cavaleiro emporeá-lo.

Destopetar, v. a. cortar as últimas crinas que existem entre as orelhas do cavalo, e que por serem compridas lhe tapam a vista.

Domadinho, adj. vermelho-claro; mais claro que o colorado, cor de ouro, diz-se exclusivamente dos cavalos desta cor.

79—**DESCAMBADA:** — É palavra do português antigo com o significado que lhe damos: encosta, vertente (Brunswick). De *descambar*, descer a encosta, a coxilha, o cêrro e desaparecer por de trás dela. Moraes Silva refere o verbo *descambar*, cair escorregando — Escambar. — É comum o emprêgo diário, entre o gaúcho, de arcaísmos portugueses que, no geral, teimam os srs. parisienses em considerar erros e vícios. Comparando-se nosso linguajar e o dos Acófas, encontraremos notáveis igualdades quanto a arcaísmos, como *dentro na*, por dentro da; *despois*, *desposto*, *dromir*, *enofar*, *excarho* (secário), *engajar* (jungir), *quinista* (homar, casa de campo), *zonda*, *zomna*, *zomana*, etc. (Lolz da Silva Ribeiro.)

E

Egua-madrinha, é aquela junto da qual se acostuma a pastar porção de cavalos; algumas vezes tem ao pescoço um cinorro, especialmente em viagem, ao som do qual os cavalos e mesmo as bestas seguem reunidos.

Embromar, v. b. (do cast. *embromar*) entreter o resultado de algum negócio, dar mostras de o querer concluir, sem contudo levá-lo ao fim. (80)

Embromador, adj. ou s. m. O que embroma. (80)

Embuçalar, s. n. pôr o bucal em algum animal, figuradamente se toma também por enganar. V. g. quiseram embuçar-me, isto é, quiseram enganar-me. (81)

Empaciar, v. n. não querer o animal caminhar mais, parar de todo firmando as patas no chão; é mais usual nas bestas que nos cavalos. (82)

Empacador, adj. O que é acostumado a empaciar.

Encarregar, v. n. enregelar de frio, diz-se que as mãos ou os dedos estão encarregados, quando por causa do muito frio se não podem unir os dedos uns aos outros. (83)

Encerra, s. f. espécie de curral feito no mesmo campo para apanhar baguals, são em feição quase semelhantes aos cercados que fazem os pescadores nos lugares de pouca água para apanhar peixes.

Enchiqueirar, v. a. fazer introduzir no chiqueiro. V. g. os terneiros. (84)

Enfeilhar, v. a. arrelar o cavalo; pô-lo em estado de ser montado.

Encompridar, v. a. fazer mais comprido; v. g. encompridar o lombo do estribe; encompridar o rabicho, etc.

Encontros, s. m. pl. o peito do animal. (85)

Enfrear, v. a. costumam alguns dizer em lugar de *Enfrear*. (86)

Engarupar-se, v. r. montar na garupa.

Engarupado, partic. montado na garupa.

Estabular uma manada, é acostumar um pastor a um certo número de éguas para formar a manada. (87)

Entrepejado, adj. (do cast. *entrepejar*) e que tem pelo de três cores, preto, branco e vermelho quase rosáceo; diz-se dos cavalos. (88)

Estancieiro, s. m. (do cast. *Estanciero*) diz-se por estancieiro que achamos nos nossos dicionários, é o fazendeiro, dono de uma estância. (89)

Estaquear, v. a. entassar o couro prendendo-lhe as garras em estaças a fim de o secar. (91)

80—**EMBROMAR:** — Wildik dá como brasileiro e traduz: embromar, enganar. A expressão *broma*, em espanhol, em português também é broma, segundo Bluteau que não cita embromar. De broma que sig-

nifica: chalaça, burla, brincadeira, nasceu embromar, cujo sentido é quase o mesmo. Apesar de Bluteau e Moraes Silva parece que a palavra é realmente de origem castelhana, pois não a encontramos no antigo linguajar português. Moraes Silva refere com vários sentidos as palavras: Broma e Bromar, bem como Bromado part. pass. de Bromar. Só acurado estudo poderá decidir.

81 — **EMBUÇALAR**: — De buçal, já comentada.

82 — **EMPACAR — EMPACADOR**: — Romaguera Corrêa deriva-as de **empacar**, castelhano. Quer entretanto, parecer-nos que sua origem está na palavra **empacho** e **empachar**, do antigo português, cujo significado é quase o mesmo; embarçar, embarracar; embargo, não prosseguir, referido por Brunswick e Moraes Silva que, para empachar dá ainda o significado de embarçar o movimento.

83 — **ENCARANGAR**: — E' do velho português; tolher-se, ficar sem movimento por efeito do frio ou dores (Brunswick). Moraes Silva não traz esta palavra.

84 — **ENCHIQUELAR**: — De chiqueiro que por sua vez vem da giria antiga **chica**, porco, ou outro animal pequeno. Moraes Silva applica-o ao pinto e o declara chulo. Chiqueiro, hoje quase só se usa para indicar o curral de porcos. E' semelhante a **encerra** que também significa encerrar, tocar o gado para o curral. São palavras que foram criando côres locais, como muitas outras, atualmente em desuso em Portugal. Moraes Silva traz: **enchiquelear**, arcar o peixe preso em chiqueiro. Para esta palavra diz: **Folclig**; côrea de vara nos rios para spanhar peixes; termo do Brasil.

85 — **ENCONTRO**: — Moraes Silva, entre as accepções comuns dá-lhe mais a de "parte superior das asas da ave, onde vai fazendo a volta, e donde nascem as penas maiores". "Os encontros das asas das aves".

86 — **ENFRENAR**: — Enfrear, de freno. E' espanholismo: enfrenar, de freno.

87 — **ENTABULAR**: — Corruetela do **estabular**, (verbo, de estábulo), reunir animais no estábulo. Não é mais usado.

88 — **ENTREPTELADO**: — De pêlos misturados. Parece-nos que a palavra é formada de entre mais pêlos, entre-pêlos: um pêlo entre outros, isto é: mistura de pêlos que dá novo tipo ao côr do pêlo. Romaguera Corrêa diz que é castelhanismo usado em lugar do português **entrepelado**, o que não cremos. O povo é sábio, não raro, na formação de termos. — Dessa formação de palavras, aliás, está cheia a lingua portuguesa: entreposição, entressachar, entressemeiar (semeiar entre outras sementeiras), entretecer, e muitas outras, todas com sentido de mistura.

89 — **ENXERGÃO**: — De antigo português **xerga**, estamamba (Brunswick) ou de enxergão, anco grande de palha que se põe nas camas por baixo do colchão (Moraes Silva).

90 — **ESTANCIEIRO**: — Nada tem do castelhamo esta palavra que é do mais puro português. Deriva de **estância**,

do velho português **estança**, parada, poiso; modernamente: local para criação de gado. Ao proprietário e ao criador deu-se o nome **estancieiro**. Moraes Silva traz: **Estança** e **estância** com o mesmo significado e mais: **estanciar**, fazer **estância**, parar, descansar em algum sitio.

91 — **ESTAQUEAR**: — Romaguera Corrêa dá, tanto para **estaquear**, como **estaqueador**, **estaqueadouro** e **estaqueamento**, origem **platina**. Entretanto, a palavra **estaca**, de onde deriva, é portuguesa e no artigo linguajar de Portugal, **estacada**, significava **liga**, campo para justas e torneios (Brunswick) **estacado**, que deu lugar a **segurar por estaca**, parar, **estacar**, ou **estacuar**, de onde **estaquear** e derivados.

F

Faca de Mato, **facca** grande ou **facção** com que se entra no mato e que serve para cortar cipó, abrir caminho.

Fandango, s. m. (do cast. **fandango**) baile campestre, ou antes usado da gente do campo, em que há arrastado de viola, e também toque rascado; ao som da viola se cantam várias cantilenas alternadas com dança zapateada; e que se conhecem por vários nomes, como sejam: **asa**, **bambaquerê**, **benzinho-amor**, **cará**, **candeiro**, **chamarrita**, **chará**, **chico-puxado**, **chico da ronda**, **feliz meu bem**, **Jódo Fernandes**, **meia-canha**, **pagará**, **pega-fogo**, **recortada**, **retercida**, **sarrabalho**, **serana**, **tatu**, **lirana** e outras cujos nomes se resentem da origem castelhana. (92)

Fandaneiro, adj. o que gosta de **fandango**.

Fedor, s. m. buçal sem focinheira. (93)

Fedô, adj. recebado, desconfiado, espartido, zestroso; ou todas estas cousas ao mesmo tempo; diz-se do cavallo e talvez sua etimologia provenha do som **ffu...** que o cavallo faz quando bufa abrindo as ventas. (94)

92 — **FANDANGO — FANDANGUEIRO**:

— O **fandango**, segundo os modernos dicionários, é dança popular brasileira (do Sul) e platina; no Norte do Brasil dá-se, às vezes, esse nome à **chegaça**. Temos dúvidas quanto à origem, que nos parece africana, de **caudango**. Nome com que os pretos denominavam os portugueses, segundo Renato Mendonça, que acrescenta: "No reino da Jinga, os portugueses chamam-se **kandungu**". E' bem provável que aos bailes dos brancos os pretos denominassem "bailes de **caudango**" o que ouviu pelos platinos, ou pelos próprios portugueses passou a termo geral com a alteração da letra inicial, para designar os bailes dos brancos, em geral, e mais tarde, os bailes populares. Ou talvez destes desde o início. Os platinos desconhecem, em absoluto, a origem da palavra **fandango** que nossos vocabularistas telham em dizer castelhana. Evaristo Afonso de Castro, em sua obra — **Noticia descriptiva da Região Mineira** — na Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul. — Cruz Alta — Tip. do Commercial — 1887, diz que o **fandango** "é uma dança antiga dos sertanejos de São Paulo, de origem Guarani". Muito

vulgar e dança na zona missionária por ocasião do *patcheiro*, palavra guarani aporuguesada, que quer dizer reunião de todos em comunidade para colheita da ervamate, fenda a qual há churrasco, geralmente assado de couro, e danças do fandango.

92 — **FIADORI** — Não é bem exata a definição de Coruja; *fiador* é o nome da parte do bucal que une a sedeira à testeira, isto é: o bucal à cabeçada, segurando esta. É termo português cujo significado também foi aproveitado: garantia, segurança. Moraes Silva refere-a e, entre outras acepções, indica: "cordão que prende e segura ao braço: v. g. o fiador da espada, do falção, do cavallo, etc."

94 — **FUAÍ** — É termo de criação regional. A origem que lhe dá Coruja é bem provável. Dis Romaguera Corrêa que é sinónimo de *aruá* (do tupi *haraú*, coisa que causa dano, ruína, Montoya), em cuja acepção também é empregado no Rio Grande do Sul. — A expressão é hoje muito usada no sentido de raivoso, furioso: *Ele anda fuá!* — HA, ainda, outra expressão usada neste mesmo sentido: *fala: estar fuá*, isto é: raivoso. É termo usado no Norte e Minas Gerais no sentido de mestiço e mulato (Bernardino José de Souza). *Háraú* (que deu *aruá* (Pequeno Dic. Bras. da Líng. Portuguesa) e formou *aruasé, arruacelo* e derivados) não é usado entre nós, no sul. No Amazonas é nome de molusco; *aruá* (Armando Mendes e Alfredo Augusto da Matta).

G

Garrão, s. m. (do cast. ou arag. *garron*, calcanhar) nervo da perna do animal cavalari. (95)

Garrotear, v. a. (do cast. *garrotear* ant.) garrotear o couro é sová-lo e batê-lo demastadamente, a ponto de ficar muito macio; e couro assim preparado se chama *couro garroteado*. (95)

Garua, s. f. chuva muito miúda. (97)

Garuar, v. m. cair garua.

Gatêdo, adj. bato com as crinas oôr de flecha: disse do cavallo (95)

Gadeho, s. m. índio do campo sem domicilio certo. Cavallo gadeho é quase o mesmo que cavallo tentino, que não é permanente em parte alguma. (95)

Gineteço, s. m. vulg. ginete que cavalga bem e com garbo.

Ginete, s. m. apesar de que se possa chamar ginete tanto o cavallo como o cavaleiro; naquella provincia se applica este nome especialmente ao cavaleiro; v. g. apparecendo ao longe um homem a cavallo, se diz que aí vem um ginete. (109)

Graxear, v. a. disse-se no campo por namorar. (101)

Guacho, adj. cavallo ou ternoiro criado em casa: é quase o mesmo que enjaidado ou exposto, por não ser alimentado pela própria mãe. (102)

Guampa, s. f. assim chamam no campo geralmente ao chifre; porém com mais especialidade ao mesmo chifre preparado à maneira do copo, que os viajantes trazem para beber água em viagem. (103)

Guasca, s. f. qualquer tira ou correia de couro cru; os homens da cidade assim chamam (tomando a má parte) os homens do campo; mas neste caso é do género masculino. (104)

Guascaço, s. m. bananda dada com guasca.

Guasquear, v. a. dar pancada com guasca, acoutar com ela, dar guascaço.

Guilões, s. f. O sr. dr. José Antonio de Vale, no seu romance *Divina Pastora*, em uma nota à pág. 147 define-a da maneira seguinte: Cinta de couro lavrada, com bôlta para guardar dinheiro e mais misteres de um viajor. Vias na campanha de um gôsto magnifico e de altos preços pela riqueza do trabalho. Os Rio-grandenses fazem-nas admiráveis com difficulosos e enquisitos bordados. (105)

Guilinha, s. m. o cavallo que além de ser andador, tem a andadura muito apreciada e pouco acomodada ao cavaleiro. (106)

95 — **GARRÃO** — Além do sentido que lhe dá Coruja tem mais o de — jarrêto de todos os animais e também das pessoas, as quais é comum applicar a frase, quando ficam com receio, como ou fraquejam: "afrozar e garrao". A nósso ver não é castelhanismo (Granada não tras *Garrão*) embora a palavra original — *garrá* — seja a mesma em ambas as línguas. *Garrón*, segundo Wildik, é esporço de ave, tendo ainda o sentido de engalho, em agricultura. Em português *garra* não é só a unha aguçada e curva das aves de rapina, como toda a espécie de unhas capazes de ferir ou segurar; as próprias mãos humanas; o pelo combrido nas juntas das patas dos cavalos, principalmente. (Brunswick, Moraes Silva.)

96 — **GARROTEAR** — Romaguera Corrêa declara: É vocabulo castelhanico com a significação de — esbordar, dar pauladas... — Granada não a refere. — Wildik menciona para *Garrote* diversas accepções, entre as quaes a "pena ou suplicio do garrote". Não tras "garrotear". É palavra espanhola, pois o suplicio do garrote é criação da Espanha onde ainda era applicado em 1870. A palavra *garrote*, entretanto, está em Moraes Silva abonada pelo padre Antonio Vieira.

97 — **GARÇA** — Termo peruano, diz Romaguera Corrêa. Daniel Granada refere-a, citando o padre Lozano (Historia de la conquista del Paraguai, Rio de la Plata y Tucumán): "Es por extremo enemiga de la lluvia, principalmente de la más menuda que llamamos garça" e citando Alcedo conclui: "Nombre que dan en el Perú à la lluvia menuda y cuasi imperceptible". Quer, assim, parecer-nos que é palavra que nos veio através de Espanha ou do Rio da Prata. Com a grafia *garca* é usada em quase todo o Brasil, reminiscência, provavelmente, do período do dominio de Espanha em Portugal (1530-1640), como deve ser a origem de muitas outras, pois nessa época, até certos escritores, para serem agradáveis aos novos senhores, escreviam em espanhol para o povo português...

- 91 — **GATEADO**: — E' a cõr do pêlo do animal cavalari ou mular, amarelo desmalhado, comum aos gatos. Daf o nome: pêlo cõr de gato = gateado. Diz Romaguera Corrêa que é vocábulo castelhano.
- 92 — **GACCHO**: — E', hoje, palavra conhecida em todo o Brasil e no estrangeiro. Iá o gacheo platino e o gacheo brasileiro, cujas origens são semelhantes. Embora mais antigo o do Rio da Prata, povoado cêrca de 150 anos antes do Rio Grande do Sul, a expressão designando o homem do campo só appareceu em fins de setecentos. — A origem da palavra tem sido discutidissima e cêrca de cem etimologias foram estudadas sem conclusão alguma definitiva. No Uruguaí, o dr. Buenaventura Caviglia hijo, dedicou-lhe um livro (além de muitos artigos esparsos) no qual reuniu 34 êtimos **Gacheo de Garrucho** — Montevideo, 1933), e entre outros, Aurélio Pôrto, (*Gente que Canta Triste, in Provincia de São Pedro* — n.º 4 — março de 1946 — Livraria do Globo — Pôrto Alegre) que lhe procurou origem guaranítica, de acôrdo com a primitiva grafia do vocábulo: *gache*, isto é: de *Gushu* (canto triste, ação de cantar triste) mais *che*, particula trazida do quêchua (?) e que significaria gente, pessoa. Daf formou: *gachûche* — *gacheo* — *gacheo* = gente que canta triste. A origem mais aceita é de *gancheo*, isto é: oriado às sôltas, abandonado, que por inversão de letras, o que é comum, teria dado *gacheo* para designar o homem do campo, ficando o original *gacheo* para o animal abandonado e criado sem auxilio materno. Romaguera Corrêa, dá-lhe origem arábica; de *chaouch*, tropeiro, corrompido na Espanha para *chaucho* e na América para *gacheo*.
- 100 — **GINETE**: — Bom termo português sempre usado. Caíram em desuso em Portugal as derivadas: *gineta* (atual feminino de *ginete*): modo de equitação com estribos curtos, e *ginetaço*, bom e airoso cavaleiro (Brunswick). Derivados nós ainda usamos *Ginetear*, verbo, o part. *gineteador* com o sentido de montar cavalos chucros, *gineteador*, que é o ato de andar *gineteador* e *ginetaço*.
- 101 — **GRAXEAR**: — Passar gaxa, por engraxar. Não é mais usada esta expressão, no sentido indicado por Coruja. *Graxear* usam, alguns, significando dar dinhelno a alguêm (fiscals do govêrno ou outros funcionários) para deixar passar certas cousas; engraxar, ensebar (lição)ear), *vetalizar* alguêm... subornar.
- 102 — **GUACHO**: — Romaguera Corrêa citando vários autores dá-lhe origem quêchua (*huaccha* — órfão, pobre) ou araucana (*huacho* — filho ilegítimo ou animal manso, domesticado). Não cremos muito nas origens quêchuas ou araucanas de palavras aqui usadas, pois é sabido que os grandes empelchios, montanhas elevadas e mares, criam o isolacionismo, isto é: impõem relações mais íntimas. Não fôsse isso e os indigenas aquêrca Andes teriam inu-

meráveis palavras gos de além Andes e vice-versa. Creemos, antes na formação guaranítica; **Gãa chá**: Muchacha (menina), órfã, conforme Montoya, e que o povo alterou, quanto ao sentido, por razões que teria ou supunha ter.

- 103 — **GUAMPA**: — Chilhenismo, de *guampa* para diz Romaguera Corrêa citando Z. Rodrigues. Nada conseguimos apurar quanto a esta palavra que só encontramos referida nos nossos vocabulários. Entretanto, informações do dr. B. Caviglia (h), de Montevideo, confirmam Romaguera Corrêa em parte, pois a palavra *guampa* (chilena) vem do quêchua ou araucano *Huampa*, recipiente, vaso. E' mais ou menos forçada a origem, por êsse significado, se bem se possa considerar a generalização aos cornos do bovino depois de usado para designar o recipiente que se forma dos chifres. Deve ter-nos vindo, como outras de semelhante origem, através dos índios *pampas* e pelos *platinos*.
- 104 — **GUASCA**: — Tem esta palavra diversos derivados: *guascao*, *guasca*, *guasca*, *guasca* e o verbo *guasquear*. — Romaguera Corrêa, citando Z. Rodrigues diz provir do quêchua *huassa*, cordel e que no Chile e outros povos americanos da costa do Pacifico ao camponês denominam *guaso*.
- 105 — **GUAIAÇA**: — Provém êste nome não do quêchulismo *huayaca*, como pensa Romaguera Corrêa, mas do guarani *Guayaco*, *Guayaca*, árvore de propriedades medicinaes e de madeira aromática. À incenso, preciosa, chamada, também "pau santo". Pertence à familia das zigofiláceas da América. — No Uruguai denominam as vagens e as sementes "algarobillo de guayacán". — Entre nós é conhecido por *gualeco* e *pau santo*. A forma das vagens é que deu o nome ao ênto.
- 106 — **GUINHIA**: — E' expressão não mais usada. De *guinar*, ou melhor: *guinada* que, no português antigo significava também salto. Investida, fôria, frenesi (Brunswick). Já ouvimos o termo *guinador*, usado no mesmo sentido. Nenhum outro vocabulário regional *gacheo* traz *guinhia* ou *guinador*. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa tirou de Coruja a primeira expressão e seu significado.

II

- Hechôr**, adj. ou s. m. (do cast. *Hechôr*, fazedor) anno ou burro que serve de pastor em uma manada de éguas; necessário para a propagação da espécie das mulas. Veja-se *Retovar* (107)
- Hép.** (pronuncia-se o h aspirado) interj. de exercitar: usa-se no campo, applicando aos animais.
- Hôscu**, adj. (do cast. *Hosco*) de cõr escura com o lombo tostado: diz-se somente do animal vacum. (108)
- 107 — **HECHÔR**: — E' castelhanismo autêntico, introduzido pelos criadores especializados, a par de *cabaña*, por coudelaria e outros.
- 108 — **HOSCO**: — A grafia usada por nós não é esta de Coruja e de Romaguera Corrêa, mas *Oscu* (sem h). Esta letra foi acrescentada pelos cas-

telhanistas. *Oscó*, quer dizer, em portuguez, *Osca*, Luis Carlos de Moraes, deriva desta palavra, o que também supomos, mas influenciado pela pronúncia castelhana que dá também para pélo de animal, *hoscoso* (hoscoso). Bluteau cita em espanhol: *Fusco*, *Fusco* o *Hosco*, tódas com a mesma tradução portuguez; fusco que é o mesmo fôco usado desde velhos tempos. Moraes Silva traz; *Oscó*; *Embutado*, *encapotado*, e abona com citação do Palmerin d'Inglaterra.

I

Invernada, s. f. lugar onde durante o inverno os estancieiros guardam os novilhos para encordarem; ou onde os tropeiros guardam as mulas para descansarem; fazem-na em campo fértil e amparado de terras que impeçam a fuga.

J

Jaguandé, adj. o que tem o fio do lombo branco, lado do costelhar preto ou vermelho, e de ordinário barriga branca: diz-se somente do gado vacum. (109)

109 — **JAGUANDÉ**: — E' derivado do guarani: *Yaguá* = ou de *Yaguá* etc.; espécie de tigre; *yaguá* (ou *yaguar* — Montoya). — M. A. Morfínio diz: guarani *yaguá*, tigre americano. *Yella onza* Linh. E assim explica: *jaguandé yaguandé*, adj.: Do "guarani *yaguá* + *né* = perro hedónico, por el olor parecido al *yaguandé* o *sorrino*". E' voz segundo o mesmo autor, usada na Argentina, Uruguay, Paraguai e Brasil.

L

Laço, s. m. pancada dada com o laço; dar laço é agoutar com fle. **Laçar**, v. a. (parece corrupção de enlaçar) prender com o laço. **Lado de laçar**, é o lado direito do cavallo. **Lado de montar**, é o lado esquerdo do cavallo.

Laranja, adj. o que tem cor de laranja: diz-se somente do animal vacum.

Largado, parte de largar, costuma-se dizer do cavallo que *si se deixou por mão*, por ser indomito; e também do cavallo que há muito tempo não é montado. Muitos applicam figuradamente ao homem, no primeiro sentido.

Látigo, s. m. guasca de dois covados mais ou menos de comprimento, e peleada e meia de largura, com que se apertam os arreios; faz parte da chinchá. (110)

Lazão, adj. usa-se dizer em lugar de alazão, que se encontra nos dicionários.

Livro, s. m. pequeno bucho do animal vacum, que está unido ao bucho maior; tem dentro muitos folhados, donde lhe vem o nome que lhe dão. (111)

Lobuno, adj. o que tem cor de lóbo: diz-se do cavallo. (112)

Lombilho, s. m. Apelo, pertencente aos arreios usados na provincia; substitui a sela, sellm ou serigote.

Lonca, s. f. (do cast. *Lonja*) pedaço de couro longueado. (113)

Lonquear, v. a. raspar o pélo sem ofender o couro; o couro assim raspado chama-se lonca. O couro lonqueia-se enquanto fresco, isto é, logo que se tira da réa.

Lunanco, adj. (do cast. *Lunanco*) defeituoso dos antros; que tem uma anca mais alta que a outra: diz-se dos cavalos. (114)

110 — **LÁTEGO**: — E' antiga palavra portuguez e espanhola; nesta lingua, porém com a grafia *látigo*. — Veja-se o que dissemos a respeito de guerra.

111 — **LIVROÍ** — E' portuguez. Diz Romaguera Corréa a razão do nome dêsse estomago do boi, também denominado — folhoso: "a disposição em forma de folhas de livros das camadas que o compõem fêz com que se desse aquella denominação a essa víscera".

112 — **LOBUNO**: — Também se diz *lobuno* — Pélo cor de lóbo, de onde se origina a expressão.

113 — **LONGA**: — De onde loncador ou lonqueador e lonquear. E' de origem castelhana, de *lonja*, ao que parece, se bem Moraes Silva refira *longer*, *longitude*, *extensão* longa que abona com João de Barros, nas *Decadas*: "*longer* mul comprido de estacada".

114 — **LUNANCO**: — Parece castelhanismo. Dela formamos, *lunaquear*. Em portuguez temos, com o mesmo significado a palavra *maego*, talvez corrupção do velho portuguez *malfe*, não aperfeiçoado, imperfeito, ou de *nadega*. Há entretanto, em portuguez o termo *lunar*, sinal no corpo que bem pode ter dado origem a *lunanco*, de *lunar* + *maeco*, ambas velhas palavras portuguezas. Acresce que, outrora, tanto os sinais congénitos que appareçam no corpo de algumas pessoas, como várias enfermidades, eram attribuidas à influencia da lua. Por isso deram ás manchas ou sinais congénitos, o nome *lunar*, originários da lua. Não terá a sua origem o *lunanco*? Note-se que já ouvimos a certos velhos designarem os cavalos lunanecos por *lunarecos* (*lunar* + (m) *aneco*?).

M

Macega, s. f. porção de campo com capim muito alto, ou com densa porção de arbusto, cuja altura excede pelo menos metade da altura de um homem. (115)

Macegal, s. m. o mesmo que macega, porém mais denso e emaranhado.

Macheta, adj. doente das mãos, ou defeituoso delas; isto é, que tem os machinhos mais grossos que de ordinário. Diz-se dos cavalos. (116)

Machinhos, s. m. pl. a parte fina dos pés do cavallo, logo acima dos cascos. (117)

Madrinha, veja-se *égua-madrinha*.

Malcara, adj. (limit. do cast. *mala cara*) o que tem a testa branca, com uma listra branca desde o focinho até o alto da cabeça. Diz-se do cavallo de qualquer cor menos do de cor escura, que tendo este sinal se chama *placão*; também se diz do boi, *malcara* brado. (118)

Mal de vaso, ferida cancerosa que nasce na raiz das unhas dos cavalos ou bestas.

Mauada, s. f. porção de águas dominadas por um pastor; também se diz *mauada de burras*; de ordinário são de 30 a 40.

Mancador, s. m., tira de couro cru garroteado que serve no fiador ou buçal; quando é trançado, a trança é achatada.

Mancar, v. a. (do cast. *mancar*) prender com manela; diz-se só a respeito dos cavalos. Nos dicionários portugueses vem com a significação de tratar com as mãos, mexer com elas. (115)

Manela, s. f. (do cast. *manela*) guasca trançada que serve para peiar o animal, ou pelas mãos (o que é mais usual) ou pelos pés. Há manelas mais engenhosamente feitas, como são as que têm argolas, botão, etc. (119)

Manguear, v. a., repontar em canos os animais quando passam algum rio a nado. Também se mangueiam em terra, repontando-os para a mangueira. (120)

Mangueira, s. f. curral grande para onde se podem manguear animais tanto mansos como bravos; fazem-se no prolongamento de um cercado por onde os animais seguem como fluidos. Difere do que se chama propriamente curral, não só no tamanho, como porque no curral só acodem os animais mansos. (121)

Manica, s. f. (deriv. de mão ou do cast. *mano*) a bola mais pequena das três na qual se pega com a mão para manear as outras duas. Veja-se *Bolas*. (122)

Mão a mão, ou de mão a mão; jogar a mão a mão é jogar-se sómente duas pessoas. (123)

Manofoço, s. m. (do cast. *manofozo*) pancada que o cavalo dá com a mão para diante ou para o lado; sendo contra o chão é *patada*. (124)

Mareado, s. m., o homem amigo de enganar; diz-se mais especialmente do que negocia. Os homens da roça chamam também *mareados* os da cidade, tomando a má parte. (125)

Mata-béi, s. m. correias de couro cru que nas carréas prende o eixo ao leito, para que em algum salto os cocões não saiam fora do eixo. (126)

Matado, adj. chelo de mataduras; diz-se dos cavalos.

Matadura ou mata, s. f. (do cast. *matadura*) ferida sobre o lombo do cavalo proveniente do uso dos arreios. (127)

Matambre, s. m. uma carne que há no costelar entre o couro e a carne; este matambre tira-se do couro com facilidade, e não se come senão depois de bem amaciado. Vem do cast. *matambre*, mata fome, por ser a primeira que se pode tirar da rês depois da língua. (128)

Matuzgo, s. m. vulg. cavalo muito velho sem préstimo algum, ou que para pouco presta. (129)

Melado, adj. o que tem o pelo e o couro todo branco; diz-se do cavalo; e note-se que todos os cavalos de pelo e couro brancos têm os olhos remelosos, e pequenas sarnas ao redor deles; também se chama *melado saproca*, para o differenciar do *melado couros-negros*, que tem o couro preto e pelo branco, e não tem o mesmo incômodo nos olhos. (130)

Mesquinho, adj. cavalo mesquinho é o que não consente que se lhe ponha frelos, ou que se lhe põe com muita dificuldade.

Miuano, s. m., o vento oeste frio e seco que costuma soprar com muita violência depois da chuva no inverno; é

talvez assim chamado por vir da parte dos antigos indios Miuanos. (131)

Mochado, s. m. (parece deriv. de *mócho*, assento) pau como cambão, preso em uma só ponta por uma guasca ao cabeçalho do carro, para sobre elle descansar o mesmo cabeçalho, quando o carro pára; é o que nas segas se chama *pau de desearso*. No dicionário de Moraes vem explicação semelhante na palavra *burro*. (132)

Monarca, s. m., o homem sem educação carregado de armas, vestido com o aparato da gente do campo. Passa em provérbio: Moço monarca não se assina, mas risca a marca (não sabe ler nem escrever). (133)

Moquear, v. a. passar pelo fogo a carne para se não danificar, ou tirar algum asco que possa ter; é quase o mesmo que sapear. Faz-se isto a alguma caça que precisa desta operação, como seja a anta, o gambá, etc. (134)

Morellha, s. f. (do cast. *morella*, nós dizemos *muteela* quase em igual sentido) chourifo de sangue de porco com diversos adubos. (135)

Morrado, adj. vulg. (deriv. de morro) muito alto, muito comprido.

Mouro, adj. o que tem pelo misto de preto e branco; diz-se do cavalo mouro, o que tem esta cor, isto é, mais escuro que tordilho-negro. (136)

Mulada, s. f. porção de mulas.

115 — **MACEGA**. — E' termo já incorporado aos dicionários. Pelo significado: campo com capim alto, geralmente da familia das gramíneas (barba-de-bode, etc.), e ainda: campo sujo de capins altos e secos; pode provir do português antigo *maceca* que é bater o linho, maça-lo, (Brunswick), pois para atravessar qualquer *macegal* é preciso maçar, bater as gramíneas, derubá-las. O *macega* castelhano, é moderno; não o registram Wildik e Granada. Cremos ser, para elles, portuguesismo e não para nós castelhanismo como insinua Romaguera Corrêa.

116 — **MACETA**. — E' termo português antigo, mas as accepções são, algumas, diversíssimas: escarrador (Brunswick); Cuspideira, escarrador (Moraes Silva), maça de ferro, pequena; maçaneta, etc. Pode provir de: mão + ceto (cinto — Brunswick), mão com cinto, isto é, amarrada com cinto e que difficulta o andar causando mau cômodo — Romaguera Corrêa diz que na accepção por nós usada no campo, é vocábulo oriundo das Reg. Platinas e o abona com o nome de Granada, entre parênteses. Mas o curioso é que Daniel Granada, no seu Vocabulário por nós citado, não menciona, e não nos consta que aquêle erudito filólogo urugualo tenha outro "Vocabulário Rio Platense". Romaguera não refere Bibliografia, cita apenas, os trabalhos de Beaurepaire — Rohan, do Coruja, e de Cesimbra Jacques e o Vocabulário Rio Platense de Daniel Granada, além de outros, nos verbetes. — Quer parecer-nos que a palavra seja corutela de *maçaneta*, que é, também, protuberância nas portas, ou "remate esférico ou piramidal para ornamento de certos objetos". Wildik menciona-o em accepção muito

- diferença no espanhol: Vaso para flores; moço pequeno, cabo de algumas ferramentas.
- 117 — **MACHINHOS**: — Derivado de macho; é o machim do Norte do Brasil.
- 118 — **MALACARA**: — Parece-nos que esta palavra tem sua origem em "malha na cara" que é uma coisa e não na expressão espanhola "mala cara", cara má, ruim, feia. Granada e Wildik não referem a palavra.
- 119 — **MANEAR**: — Esta palavra, com seus derivados *manceador* e *manear* (ou *manelar*), Romaguera Corrêa a deriva do espanhol *mano*. No português antigo encontramos a palavra *manelo*, transporte e *maulota*, pela. (Brunswick). — O *manceador* não é bem o que define Coruja, mas corda de couro de regular comprimento que o campeiro carrega no pescoço do cavalo para deixá-lo seguro no pasto durante a noite ou nas paradas em viagem (Callage, Luiz Carlos de Moraes, Vieira Pires, Romaguera Corrêa e Heráclito). — Moraes Silva traz: *manelo* (ou *maneyo*): O trato, laboração de mãos. —
- 120 — **MANGUEAR**: — Daniel Granada não a menciona. Refere, apenas, *manguera* (Curral). Entretanto Romaguera Corrêa declara que, segundo Granada, "é palavra oriunda do Prata, sendo também usada no Chile". (Veja-se a nota sobre Macôta). — *Manguear* é ir ao lado da tropa, ladear a tropa para se não dispersar, tanto em terra, como ao atravessar arroyos ou rios. Com esse mesmo sentido, mas em arte militar, empregava-se no Antigo português a palavra *mangua*: Pileira de besteiros que formava ao lado do grosso do exército (Brunswick). — Daí nasceu *Manguear* e *Manguedor*, o chefe que manguela, o que manguela.
- 121 — **MANGUEIRA**: — "Do platense — *manguera*", diz Romaguera Corrêa, que também dá por platina a palavra *manga* que assim define; cêrca de pedra ou de pau que, começando à entrada da mangueira, ou do curral, estende-se até certa distância, servindo, por dispensar a presença de pessoas nesse lugar, para auxiliar a entrada do gado na mesma mangueira ou curral. — Confronte-se a *manga gachcha* com a do português antigo. Aliás, Daniel Granada lhe dá o mesmo significado: gacho apoiado numa descrição de Azara, que cita. A nósso ver, *manguera*, (veja), *manguera* e *manga* são da mesma origem; a antiga *manga* portuguesa, citada antes.
- 122 — **MANICA** ou **MANICLA**: — Apesar de ser considerada de origem castelhana, de *mano* (Coruja) ou de *manija* (Romaguera), nós a temos como portuguesa genuína: *Manica*: espécie de luva de couro que usam os carroceiros (Brunswick). O mesmo autor cita, no sentido de: segurar na mão, que cabe na mão, mais estas: *maniso*, pequeno; e *manipulo*, o que uma só mão pode abarcar. Parece-nos mais lógica a antiga origem portuguesa.
- 123 — **MANO** a **MANO**: — em igualdade de condições; também a expressão "estar ou ficar a mano", isto é, ficar quieto, ou empatar no jogo. Moraes Silva menciona a primeira sua acolimá-la de castelhanismo: *mano* a *mano*, mão por mão, fig. igualmente. Jogar mano a mano, só com outro parceiro. Parece-nos entretanto que é espanholismo, — embora no português haja a expressão *mano* (mão) em diversas palavras compostas: — *manipular*, *manopla*, *manuscar*, etc. — de origem remota.
- 124 — **MANOTAÇO**: — É outro castelhanismo autêntico: de *manotazo*, que corresponde ao português *patada* que é, em espanhol, *patazo* (térmo chulo). Nós usamos para diferenciar o golpe: *manotaço* com as patas dianteiras; *patada* ou *coice* com as traseiras. Usamos, derivadas de *manotazo*, mais as seguintes: *manotear* e *manoteador*.
- 125 — **MARCADO**: — No sentido de conhecido, assinalado por seus atos. É termo português. Moraes Silva traz: Notável por bem ou mau no físico, ou moral. E, hoje, muito pouco usado no linguajar gauchesco.
- 126 — **MATA BOI**: — Expressão composta de genuínas palavras portuguesas. É termo especialmente usado entre *carreteiros* (*carreiros*, como se diz no norte). Bluteau refere-a: *Matabuey*.
- 127 — **MATADEIRA**: — Apesar de sua conformação brasileira, tanto pode ser de origem portuguesa como espanhola, pois que a encontramos em Bluteau com a mesma grafia em ambas as línguas, e em Wildik, Moraes Silva declara: "Frida feita pela albarda, ou sela no corpo das bestas". Por essa definição e por Bluteau, verifica-se que o termo é antigo na língua portuguesa e pode bem ter sido criação portuguesa adotada pelo espanhol no período da soberania Espanhola em Portugal, ou espanhol adotado em Portugal, conforme já vimos em outros verbetes.
- 128 — **MATAMBRE**: — Há uma tradição que diz terem dado, no Prata, esse nome à carne fibrosa do costilhar entre a carne propriamente dita e o couro, porque não a comiam e davam aos vadios e soldados para matarem a fome (matar el hambre). Talvez seja essa ou a que refere Coruja, a origem desta palavra.
- 129 — **MATUNGO**: — Tem os derivados seguintes: *matungão* (aumentativo) e *matungada* (grupo de matungos). Romaguera Corrêa foi buscar sua origem em Cuba, quando ela está entre nós, sendo que a de Cuba teve a mesma que a nossa: *matungo*, termo africano que significa: cavalo velho, inútil. (Renato Mendonça que também cita João Ribeiro.)
- 130 — **MELADO**: — Cór de mel, ruivo quasi branco, é o que devia ser. Mas a este pelo cavalari dá-se o nome de *bálo*. A explicação de Coruja que, aliás, é a de todos, justifica o termo criado nas estâncias. Moraes Silva diz: Cór de mel; vg. "cavalo melado".

(Continua)